

Eneida 16

José Arthur Bogéa *

A mais bela das crônicas escritas por Eneida (assim como ela se assinava sem o peso de tantos sobrenomes ilustres), como todas as que estão reunidas em **Banho de Cheiro** [Rio: Civilização Brasileira, 1962], está apenas numerada, é a 16:

“CONTANDO ESTA HISTÓRIA - uma das páginas mais belas de minha vida - não estou querendo fazer como a maioria dos memorialistas que se fantasiam com plumas e penas que não são suas, para maior brilho de suas recordações. Devo, preciso contá-la, principalmente para agradecer a uma mulher, cujo nome não importa, o quanto ela foi boa, paciente, digna comigo”. [p. 77]

A crítica de Eneida à maioria dos memorialistas está intrinsecamente relacionada com a ausência, neles, de tudo o que considera superior no ser humano: a bondade, a paciência e a dignidade em relação aos outros; bondade, paciência e dignidade, para Eneida não têm conotações religiosas, são da própria natureza das pessoas, daí porque mantém no anonimato, “*uma mulher, cujo nome não importa*”.

As circunstâncias da prisão, em 1932, são recontadas, nesta crônica com um certo sorriso:

Não causará pelo menos espanto mesmo aos distantes vizinhos, morar aqui uma criatura magrinha e muito jovem que só sai à noite e quando sai é gorda, enormemente gorda? Essa gordura eram manifestos impressos durante o dia e que iam amarrados na cintura, nas axilas, encobertos por um grande capote azul marinho que nem era meu, mas de uma pessoa gordíssima . [p. 78]

O sorriso se transforma em riso franco quando descreve o local em que fica isolada:

“pequeníssima sala, sem janelas, sem ar, um depósito de qualquer coisa, pois os xadrezes estavam superlotados(...) o único lugar por onde entrava uma réstia de luz e um pouco de ar era um buraco aberto na porta comprida por onde os tiras espionavam-me (...) Foi então que descobri a mais fácil maneira de vencer aquela situação agravada pela falta de uma cama, de uma cadeira, mal dando para andar. Ficava então dia e noite, na porta esperando os olhos que me espionavam e dando em cada um deles uma espetadela com o dedo indicador. Ouvia gritos, urros, palavrões mas ficava contente: acertara em cheio o inimigo”. [id]

Uma madrugada entra na cela “*um velhinho*” que se revela o anjo do amanhecer para a prisioneira:

“Desde então, pão com carne, pão com ovo, pão com presunto era trazido por aquele homem que afinal estava salvando minha vida. Um cigarro e uma alimentação boa cada madrugada”. [p. 79]

Mesmo ao relatar as condições mais adversas por que passa, Eneida não revela em nenhum momento auto-piedade, ou quer se mostrar como símbolo da resistência, seja como mulher, seja como ser político. Uma outra mulher, Clarice Lispector, no último livro publicado, se autodefine, simplesmente com um “*Sou-me*”, isso cabe também à cronista paraense:

"Desse presídio saí eu, de padiola, tão fraca que não podia andar, quase morta pela fome e fui mandada para outro, paradoxalmente chamado de Maria Angélica. Ai pude comer, dormir, ler e fumar". [id]

O ato de libertação de Eneida e seus companheiros comunistas, quando *"a ordem era soltar apenas os getulistas, os legalistas e não nós"*, nada difere do **non-sense** de qualquer ditadura, ou próximo dela, o protocolo dito neo-liberal:

"Prepare-se para seguir, imediatamente para Jacareí, onde ficaria até que lhe mandemos buscar. Ha um automóvel na porta, o companheiro chofer lhe dará o que for preciso": [p.80]

Em Jacareí hotéis lotados, por extrema coincidência - fato, aliás que anula o conceito de acaso, Eneida é encaminhada ao endereço onde há quartos de aluguel:

"Assim entrei eu na casa daquela mulher a quem aqui chamarei Dona (...) A Senhora começou então a envolver-me numa série de desvelos que não me espantavam, porque sempre acreditei na bondade humana". [id]

"Acabáramos de almoçar um gostosíssimo almoço. Dona é - sei que ela ainda vive, deve viver-uma excelente cozinheira.

- Rosinha, perguntou-me ela, você ouviu falar em Eneida?

Gelei. Os companheiros haviam-me recomendado tanto tomasse cuidado, que não admitiam minha volta à prisão naquele momento, e Dona fazia-me uma pergunta dessas. Não, não ouvira falar. (.....) Dona levantou-se, foi ao quarto, trouxe um livro de recortes de jornais(.....) Então tomei conhecimento do que publicara a imprensa paulista quando da minha prisão. Retratos tirados em Belém do Pará, elegantíssimos, no meu tempo de dinheiro e vaidade,

segundo a policia (...) eram retratos de Paris, quando eu ali fazia espionagem para a URSS. O Largo de Nazaré era apresentado como os Champs Elysées". [p.82]

"Largo de Nazaré - Eneida mantém o nome tradicional, e se parecia com a avenida mais famosa de Paris, claro, não existia essa aberração arquitetônica a que chamam CAN e onde só têm livre circulação, hoje, os ratos, com todos os direitos negados aos pedestres.

Na convivência de Dona e os filhos é apresentada como *"minha prima Rosinha [codinome com que Eneida se apresentava] que veio passar uns dias aqui conosco"*. Ida volta a São Paulo, ensaio de uma partida definitiva:

"No dia de minha partida, almoçávamos [...] Dona conversa comigo. E, de repente:

- Pois é, Eneida, desde que você chegou aqui eu sabia quem era você. Sabia que você estava magra e acabada mas é muito parecida com os retratos que saíram nos jornais [...] Agora, só lhe peço uma coisa: conte a história da sua vida para mim. Sei que tudo o que os jornais publicaram é mentira./ Se você não puder ou não quiser contar eu não me aborreço, mas gostaria de saber onde você foi buscar tanta coragem". [p. 83]

O final da crônica? Um agradecimento de Eneida: *"Muito obrigada Dona. Este muito obrigado de hoje venho repetindo há muitos anos. Pudessem ser do seu estofa todos os homens"*. [p. 84] É então que ressurge na mente do leitor, como uma oração, uma oração de bondade, paciência e dignidade, uma oração nem cristã, nem pagã, uma, simplesmente, oração dos homens, àquela frase deixada para trás:

SEMPRE ACREDITEI.....

* José Arthur Bogéa é professor de Literatura na UFPA.